

UM OLHAR OUTRO

Na Igreja a que pertencemos, o governo exerce-se em comunhão uns com os outros.

Quando, já lá vão mais de 50 anos, o Concílio Vaticano II olhou para os primeiros tempos da Igreja, para as primeiras comunidades cristãs formadas a partir da pregação dos apóstolos, reconheceu desvios na forma de testemunhar o evangelho, corrigiu estratégias, recentrou-se na vida de Jesus e dos primeiros cristãos tomando a comunidade primitiva como inspiração primeira para as formas de governo mais consentâneas com o dom de Deus e com a igualdade fundamental de todos os seres humanos. Comunidade humana que o é, a Igreja precisa sempre de princípios orientadores, de normas a serem cumpridas por todos, de um governo que se mantenha fiel a Jesus e à sua mensagem, sem descurar aqueles a quem o anúncio do evangelho se dirige: todos os seres humanos sem excepção, despertando –os para o amor de Deus, que os chama à comunhão.

Reconhecemos que as realizações históricas deste governo nem sempre foram correctas. Certamente que o nosso juízo sobre o passado, pretendendo ser objectivo, não o é. Situado no nossos espaço e tempo, ele tende sempre a ser objecto de novas e futuras visões. Nunca os cristãos se podem dispensar de um juízo crítico, de um discernimento sobre a realidade iluminado pela fé.

O Concílio Vaticano II olhou para a Igreja como povo de Deus, onde todos têm lugar e reconheceu que em todos vive e age o Espírito Santo. De modo que todos são chamados à santidade e a fazer render os talentos específicos que o Senhor concedeu a cada um. Porque a própria Igreja é dom de Deus e esta reconhece que o Espírito Santo continua a agir em cada crente, a visão piramidal ou hierárquica foi atenuada para se valorizar mais os carismas, como graças dadas para o bem de todos.

Não se põe em causa a hierarquia da Igreja – porque tudo é dom de Deus e o poder vem de Deus e não nasce do povo – mas sim o modo de estabelecer a harmonia e a paz entre todos, o governo de todos. O poder recebido de Deus pela ordenação sacerdotal não é um bem próprio daquele que o recebeu – o Papa, os bispos, os sacerdotes – de que ele pode dispor como bem entender. A própria missão de governar é já um dom em prol do bem comum de todos.

Do Concílio Vaticano II surgiu uma ideia forte de comunhão e uma obrigação permanente de escutar e interpretar a acção de Deus no seu povo. Desde então, desde o Papa ao bispo, desde a Cúria romana às cúrias diocesanas, desde as paróquias maiores às mais pequenas, desde as comunidades cristãs aos grupos de cristãos, passando pelas diversas congregações religiosas com os seus carismas próprios, não faltam novas formas de governo que impõem o dever de escutar, de consultar, de «ouvir o Espírito» antes de tomar decisão.

Existem assim os chamados Conselhos e os conselheiros que fazem parte das equipas que ajudam no governo de cada grupo ou instituição.

Numa diocese não pode faltar um Conselho de Assuntos Económicos, que ajudam o bispo a tomar decisões em assuntos de gestão. Nem o Conselho Pastoral para o ajudar a traçar as linhas de actuação comuns a todos os diocesanos.

Também numa Paróquia não pode faltar um Conselho Económico e um Conselho Pastoral. Não deveria faltar nunca, mesmo naquelas que são mais pequenas. Às vezes olhados como «travão» à liberdade de um pároco decidir, os conselheiros têm mesmo o dever de ser, na lealdade de consciência iluminada pela fé e suposto o seu amor e compromisso com a Paróquia, travão e motor. O travão evita excesso e acautela o perigo; o motor faz andar ao perceber-se que o Espírito de Deus não quer uma Igreja parada, numa repetição que desgasta, «agarrada» por esquemas e rituais há muito parados no tempo.

Não sei viver, na minha missão de pároco, sem um Conselho Económico, que reúne todos os meses, com agenda própria e acta que regista as decisões tomadas colegialmente. Como com um Conselho Pastoral, que reúne duas vezes por ano, do qual sai um pequeno grupo de conselheiros, dito Secretariado Permanente, que reúne também todos os meses. Não acontece somente agora em Barcelos. Mas desde que sou padre, já lá vão 42 anos.

Éramos 37, no 21 de setembro passado, em Conselho Pastoral. A agenda foi publicada no boletim Construir, de modo a que se saiba o que se reflete e discute. Para o bem da Paróquia, de todos os paroquianos. Dou graças a Deus pelos meus conselheiros e pela sua intervenção, cada vez mais sensata, arrojada às vezes, e sempre marcada pelo amor à Igreja e à Paróquia. Alguns deles mantêm-se como tal apenas durante três anos (grupos), outros quatro (juizes das confrarias) ou cinco (Conselho Económico) e mesmo mais repetindo mandatos. Os estatutos permitem continuidade e dinamismo renovado. Reconheço a evolução dos conselheiros ao longo dos anos. Trata-se de uma aprendizagem do ser cristão, experimentando que ser comunidade exige uma grande capacidade de escuta – o que se aprende com a prática –, de acolhimento dos dons de Deus reconhecidos nos outros e um sentido de responsabilidade permanente: os conselheiros não podem limitar-se a dar conselhos ao Prior – o aconselhado – mas a comprometer-se com as orientações e decisões tomadas. A aprendizagem é notória – e dou graças a Deus por isso – quando se assume que nem tudo pode ser dito – a frontalidade ativa não constrói, antes cria desconforto e até sofrimento desnecessário – muito menos sem fundamentos objectivos e dialogados. Notória também na consciência de que é sempre mais fácil falar do que agir e, sobretudo também na consciência bem mais apurada de que a Igreja somos todos nós e de que não é apenas ao Prior que pertence cuidar da paróquia que somos.

Na última reunião perguntava-se que paróquia missionária somos ou devemos ser. E percebemos que a dimensão do «sair para as periferias» implica, antes, «encher-se» de Cristo, entusiasmar-se com Ele, comprometer-se com Ele. Olhámos também a sociedade que nos envolve e diante do processo eleitoral na altura interrogámo-nos sobre o lugar dos cristãos na praça pública: encolhidos e com medo ou conscientes da sua dimensão profética, com uma palavra a dizer, um testemunho a dar, reivindicando o direito de estar, sem medo, no espaço público? E tomámos consciência de que há uma «doutrina social da Igreja», que os cristãos não podem ignorar.

Por último, as linhas de orientação do plano de acção pastoral na nossa Arquidiocese, centrado na Esperança (Levantai-vos e semeai Esperança) fez-nos perceber de que somos Paróquia na Arquidiocese e que o nosso Plano de Actividades se insere na vida arciprestal e diocesana.

O Prior – P. Abílio Cardoso

P. ARLINDO TORRES – SETE ANOS DEPOIS



Já lá vão sete anos. A morte do P. Arlindo privou-nos de uma presença serena e alegre, colaborante e desprendida e de uma ajuda na vida pastoral cuja perda continuaremos a sentir. Foi a 13 de Novembro de 2012.

Quarta-feira, dia 13, vamos sufragá-lo nas Eucaristias da Paróquia, convidando-se todos os fiéis a associarem-se. Certamente os paroquianos de Barcelos marcarão presença significativa, como testemunho de gratidão ao P. Arlindo, de quem conservamos uma grata memória.

CONVITE AOS CATEQUISTAS

A Paróquia sente-se muita grata aos seus catequistas pela dedicação às nossas crianças, numa ajuda aos pais, pelo que o apostolado da catequese se tornou, ao longo dos tempos, o primeiro dever de uma Paróquia.

Dando continuidade a uma decisão do Conselho Pastoral de há alguns anos, o Prior tem a honra de convidar todos e cada um dos catequistas, sejam do Centro da Matriz, sejam do Centro de Santo António, para um jantar que a Paróquia oferece: no próximo sábado, após a missa das 19.00. A todos se pede que, por email para paroquiadebarcelos@sapo.pt, ou por SMS, digam, até quarta-feira à noite, que aceitam o convite.



Ano XV - Nº 45 - 10 de Novembro de 2019

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

O que nos espera a todos?

Apesar de a nossa cultura nos alhear das grandes questões de sentido, que sempre geraram tratados filosóficos e processos de evolução no campo educativo, a verdade é que elas continuam a ritmar a vida pessoal e colectiva. Talvez mais por omissão – o que gera inevitavelmente medos e fugas – levando ao refúgio do «não vale a pena» ou do «sempre foi assim». O que me espera depois de uma vida agitada, tantas vezes julgada um «vale de lágrimas»? E, se Deus existe, como Se atreveu a fazer as coisas assim? Felizmente que eu sou crente. E convido todos os que o são a darem graças pela luz que está ao seu alcance no que toca às respostas possíveis sobre a condição humana.

O que acontece quando morremos? Todos põem esta questão. Porque desistimos de lhe procurar resposta? Talvez porque a mesma não pode ter a resposta simples e imediata que todos procuram. Uma só resposta vale: viver o quotidiano sabendo que ele nos leva a algo. Para o crente, a Alguém. As respostas são totalmente diferentes para o crente e para o não crente. Aliás, o que define aquele é aceitar como real que Alguém nos criou, nos cuida e nos acolherá um dia. Na vida e não na morte. Logo, se esta é inevitável, então sabemos que, após ela, o meu ser criado não é destruído, não cai no nada. Porque creio, sei que fui criado por Alguém que me ama. E afirmo, na fé: o amor de Deus me criou e é o mesmo amor que me faz viver além da morte biológica.

O que me espera então? A ressurreição na glória. Como entendê-lo? É preciso investir. Cada um por si. E vale a pena investir para «entender» o que é possível entender. Com a luz da fé. É preciso acreditar. E encontrar as respostas que a fé nos traz, à luz da Palavra de Deus.

Para a cultura judaica – que professava a fé num Deus único – a ressurreição dos mortos não era questão «arrumada», mas era uma questão de discussão permanente. Se os fariseus a afirmavam, já os saduceus a negavam e dizim ser impossível. Também para os nossos contemporâneos, a questão continua em aberto. Quando muitos optam pela reencarnação – o ressurgir de ideias muito antigas, tornadas contemporâneas pelo espiritismo de Allain Kardec, no século XIX – outros, os seguidores do ensinamento de Jesus sabem e afirmam a ressurreição dos mortos, porque acreditam no Deus que cria por amor e pelo mesmo amor misterioso nos mantém numa vida outra para além da morte biológica. Chamamos-lhe vida eterna ou vida na glória de Deus. E Jesus deixou-o bem claro na discussão a que foi levado pelos saduceus, que O queriam do seu lado. Ele «leu» as Escrituras para deixar bem claro que «os que morrem ressuscitam» e Ele próprio Se mostrou vivo depois da morte, que os apóstolos tinham presenciado. Falar da ressurreição dos mortos é falar do núcleo central da fé dos cristãos. É é dizer a resposta mais maravilhosa e transcendente ao mistério da vida humana e das questões de sentido que todos nos colocamos. Sabemos da dificuldade em afirmar esta nova condição de vida porque, quando falamos de Deus ou do que nos transcende, sempre imaginamos a partir do que conhecemos. Ora as realidades transcendentais estão para além do que a mente humana possa imaginar. E o «voltar à vida, que se afirma na fé, não é um voltar para trás, para a vida biológica que tínhamos antes da morte. Na criação de Deus e na novidade permanente que a envolve nunca se anda para trás, ou para vidas passadas. A relação de amor com Deus durante a vida terrena terá sempre de ser continuada não da mesma maneira mas sim em novidade total. Foi o que Jesus ensinou e disso somos chamados a dar testemunho. Que pena me dá que ainda não se tenha assumido, de uma vez por todas, que o nosso Deus «não é um Deus de mortos mas de vivos». E por esta vida «que há-de vir», quantos e quantos irmãos nossos – os mártires de todos os tempos – foram capazes de morrer para não a perderem, porque consideravam que viver em Deus e com Deus vale o sacrifício da própria vida terrena. Demos graças por tantos mártires e imitemo-los.

O Prior – P. Abílio Cardoso

TRASLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS DE D. ANTÓNIO BARROSO

Será no próximo domingo, dia 17, a trasladação dos restos mortais de D. António Barroso da capela-jazigo para a igreja paroquial, acontecimento marcante para todos os barcelenses, que são convidados a participar.

Inicia-se com a concentração às 16.00 no cemitério, seguindo-se a procissão para a Igreja e deposição da urna na nova capela. Terminará com a celebração da Eucaristia, presidida pelo senhor Arcebispo, D. Jorge Ortiga e concelebrada pelo bispo do Porto, D. Manuel Linda e pelo arcebispo de Évora, D. Francisco Senra Coelho.



A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO
XXXII DOMINGO DO TEMPO COMUM

**Senhor, ficarei saciado,
quando surgir a vossa glória**

Segunda, 11 – S. Martinho de Tours

Leituras: Sab 1, 1-7
Lc 17, 1-6

Terça, 12 – S. Josafat

Leituras: Sab 2, 23-3, 9
Lc 17, 7-10

Quarta, 13 –

Leituras: Sab 6, 1-11
Lc 17, 11-19

Quinta, 14 –

Leituras: Sab 7, 22-8, 1
Lc 17, 20-25

Sexta, 15 – S. Alberto Magno

Leituras: Sab 13, 1-9
Lc 17, 26-37

**Sábado, 16 – Santa Maria,
S. Margarida da Escócia e S. Gertrudes**

Leituras: Sab 18, 14-16 – 19, 6-9
Lc 18, 1-8

DOMINGO, 17 – XXXIII DO TEMPO COMUM

Leituras: Mal 3, 19-20a
2 Tes 3, 7-12
Lc 21, 5-19

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 11 – Celebração da Palavra

Terça, 12 – Manuel Luís da Silva Pereira

Quarta, 13 – P. Arlindo Chaves Torres (7º aniv.)

Quinta, 14 – Intenções colectivas:

– Abílio Vilas Boas Gomes
– Em honra de São Nuno de Santa Maria

Sexta, 15 – Manuel Celso da Silva Cunha, pais e avós

Sábado, 16 – Intenções colectivas:

– Manuel Pereira de Sousa Monteiro, esposa Maria Amélia e familiares
– Francisco Fernandes da Costa
– Maria Saleiro Beirão
– Fernando Araújo Pinto, Maria da Paz da Silva e Fernandinha
– José Ferreira, esposa Isaura e filho José Luís
– Maria Emília Fernandes da Cunha Arantes
– Maria da Ascensão Miranda Carvalho
– Andreia Sofia Ramos Vieira
– José António Pereira Oliveira
– Mariana Pereira Pinto de Azevedo Martins (aniv.), marido e filhos

Domingo, 17 – 11.00 – Missa pelo povo

19.00 – Pelos irmãos, vivos e falecidos,
da Confraria das Almas



SER GAGO TEM (PELO MENOS) UMA VANTAGEM

1. Ser gago não traz só inconvenientes. Quem me conhece sabe que digo isto sem qualquer ironia. Eu próprio sou gago. E fui gago profundo até para lá dos vinte anos.

2. Vivi, portanto, uma parte considerável da minha existência em quase silêncio ou tartamudeando – com muita tortuosidade – o que pretendia dizer. Tendo lido bastante sobre o tema, aprendi que há um conjunto de factores – psicossomáticos – que podem estar na origem da gaguez.

3. Confesso que nunca me convenceu a centralização da gaguez na questão dos «nervos». Por dois motivos principais. Primeiro, porque – por experiência o digo –, muitas vezes, estava completamente calmo e, mesmo assim, gaguejava. E, em segundo lugar, porque há pessoas que, mesmo nervosas e descontroladas, falam com uma desenvoltura de espantar.

4. Não se pense, porém, que ser gago só complica. A gaguez obriga-nos a procurar com mais cuidado as palavras mais adequadas. Ou, pelo menos, a estacionar nas menos inadequadas. Há, entretanto, uma vantagem que sobrelava todas as outras. Partilho-a sem presunção, com base numa vivência contínua de anos.

5. É que se nós, gagos, temos dificuldade em terminar uma afirmação verdadeira, imaginem como nos sentiríamos se quiséssemos verter uma afirmação falsa. Nem a conseguiríamos iniciar. «É pena que muitos não sejam ga-

gos!» Assim reagiu, com humor, um bom Amigo a quem, há dias, fiz chegar esta constatação.

6. É claro que há quem não gagueje e seja incapaz de mentir. Não é preciso ser gago para ser verdadeiro. Mas a «aflição» de um gago a articular um discurso falso constituiria a «denúncia» mais difícil de rebater.

7. Podemos estar, pois, em presença de uma «ferramenta» adicional para reaprender à imperecível lição de Natanael, inserida no Evangelho de São João. Jesus faz a este Seu seguidor o maior elogio possível: «Eis um homem em quem não há fingimento» (Jo 1, 47).

8. Nós, gagos – mesmo quando não tropeçamos nas palavras –, somos incapazes de esconder que o somos. Mas há momentos que nos sentimos inibidos e até bloqueados. Sofrer por ser gago e ser alvo de observações jocosas e depreciativas (o que, graças a Deus, nunca me aconteceu) só contribui para que a gaguez alastre.

9. Será, contudo, que o problema está só em quem é gago? Não teremos todos o dever de ouvir os outros conforme a expressão que lhes é própria?

10. Paradoxalmente, é quando se aceita a gaguez que mais facilmente se pode deixar de gaguejar. A melhor ajuda encontrei-a num texto muito antigo: «Se quer deixar de ser gago, goste de ser gago!»

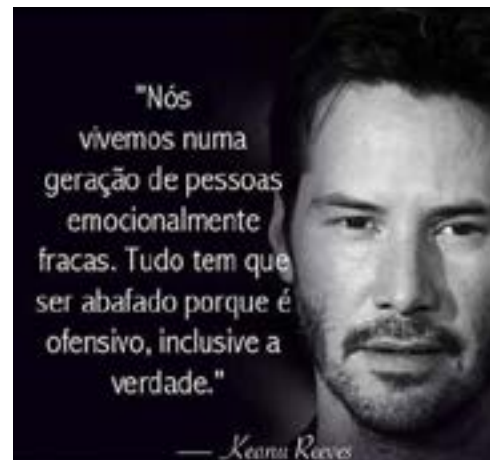
João António Pinheiro Teixeira, in DM 05.11.2019

FAÇAMOS CONHECER E AMAR MARIA

SE PERCEBERES QUE ENCONTRAS FELICIDADE E PAZ RECITANDO O TERÇO

“É próprio do amor, o fato de se repetir, graças ao ritmo de palavras simples e calorosas. Então, se tiveres necessidade de alimentar a tua oração com textos bíblicos, faze-o. Mas, se perceberes que encontras felicidade e paz, ao recitar o terço e ao mergulhar numa oração rítmica e repetitiva, sê feliz. “Não te esqueças: se conseguires recitar o terço inteiro, sem te preocupares em pensar, mas somente, feliz por estar, sossegadamente, com a Mãe de Jesus, alegra-te, pois certamente, estás sob a ação do Espírito Santo e só isto basta, quando se reza...”
“Para aquele que nada compreende sobre a vida espiritual, o Rosário é sinónimo de oração mecânica, estúpida, inútil. Para aquele que é ‘espiritual’ e está avançado no caminho da oração, o terço é a forma mais simples para nos ajudar a viver a oração de forma concreta e duradoura. “Não temo nem hesito em afirmar que, aquele que se sente à vontade rezando o Rosário é uma pessoa contemplativa ou, certamente, uma pessoa que está no caminho da contemplação. Então, cuidado, para não denegrir o que vocês não conhecem.”

Carlo Carretto (escritor italiano, 1910-1988) , em seu livro “Tu que acreditaste”



SECRETARIADO PERMANENTE DO C. P. – Vai reunir na quarta-feira, às 21.30, no Cartório Paroquial.

FORMAÇÃO CRISTÃ DE ADULTOS – Na próxima quinta-feira, às 21.00 nas salas de catequese, teremos nova sessão de catequese de adultos orientada por leigos da Paróquia.

ORAÇÃO AO RITMO DE TAIZÉ – Será no próximo sábado, na Igreja do Terço, animada pelos jovens Miryam, das 15.30 às 16.30.

MISSA NO CEMITÉRIO – Promovida pela Confraria das Almas, haverá nova celebração da missa, pelos defuntos, na capela do cemitério, em sufrágio dos defuntos. Amanhã às 10.00.

CONSELHO ECONÓMICO – Os membros do Conselho Económico vão reunir amanhã, às 21.30, no Cartório Paroquial.

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

– Família n.º 200 – 10,00

TOTAL DA SEMANA – 10,00 euros

A transportar: 19.921,95 euros
Despesas até agora: 30.705,36 euros

**SEMANA DOS SEMINÁRIOS
DE 10 A 17 DE NOVEMBRO**

«Cristo não pensa apenas naquilo que tu és mas naquilo que poderás chegar a ser» é o tema da Semana dos Seminários 2019 que as dioceses portuguesas vão viver entre 10 e 17 de novembro.

A Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios afirma que a Semana dos Seminários é ocasião para “animar os jovens” e “refletir na centralidade da questão vocacional e para um renovado compromisso”.

“É oportunidade para animar os jovens que fazem parte dos vários seminários do nosso país e reconhecer o precioso trabalho das equipas formadoras e de todos os que colaboram na vida dos seminários”, escreve D. António Augusto Azevedo. Na mensagem enviada à Agência ECCLESIA, o presidente da Comissão Episcopal das Vocações e Ministérios assinala que a “todos os jovens” se renova o apelo do Papa Francisco para que cada um saiba responder à pergunta: «Para quem sou eu?»

Os diversos materiais e subsídios para a Semana dos Seminários 2019 foram preparados pela Diocese de Aveiro e para animar e celebrar este período específico, para além do cartaz e da mensagem, existem um guião, uma pagela de oração, os mistérios do terço e a sugestão de uma vigília de oração, preces para a Oração Universal nas Missas e atividades dedicadas à infância, para os adolescentes e para os jovens, bem como um hino.

**O FUNDAMENTAL
NO NAMORO**

Que é fundamental num namoro?

Duas coisas: conhecer-se bem e definir um projecto de vida em comum.

Quem o diz é Maria Álvares de las Asturias, casada, mãe de quatro filhos e que trabalha com famílias na prevenção de dificuldades matrimoniais.

Para um cristão, o namoro é sempre uma preparação para o casamento. Mas, quando é que dois namorados devem decidir dar o passo de se casarem?

Quando, depois de se conhecerem bem e verificarem que é possível definir um projecto de vida em comum, descobrem que querem que esse amor que possuem um pelo outro seja uma realidade definitiva.

Esta é a grande diferença entre casar-se ou optar por outro tipo de relação.

Muitas pessoas, nos dias de hoje, gostariam de escolher um amor definitivo nas suas vidas, mas têm medo. Um medo que escraviza e paralisa!

Têm medo de que o ideal de um amor para sempre seja impossível. Basta olhar à nossa volta: quantos casamentos “desabam”? Que garantias tenho de que no meu caso será diferente?

Esta insegurança leva muitos a conformarem-se com um namoro o mais longo possível, deixando Deus de lado, dando por assente que é impossível que seja para sempre. E este é um ponto de partida que faz desmoronar o namoro. Se comesas a namorar com a convicção de que algum dia isto é capaz de afundar, podes ter a certeza duma coisa: afunda mesmo!

Amar alguém para sempre é “arriscado”. Não podemos controlar tudo. O que podemos dizer é apenas “quero amar-te sempre, até ao fim da minha vida”. E podemos dizê-lo todos os dias, mesmo que não “sentamos” nada, porque o amor reside na “decisão” da vontade e não no “vento” dos sentimentos.

E acreditemos – vivendo de fé – que Deus quer tornar realidade esse desejo sincero que pôs no nosso coração: amar o outro para sempre, sem condições de nenhum tipo.

Pe. Rodrigo Lynce de Faria, In DM 14/10/2018